

Encerrando os bens comuns da África: dramática expansão da indústria de sementes na África

Joanesburgo, 4 de Dezembro 2015

A indústria de sementes privada tem feito ganhos dramáticos na África Subsaariana (ASS) em anos recentes, ganhos propensos a ter impactos negativos profundos para milhões de pequenos agricultores através do continente, de acordo com um novo relatório divulgado hoje pelo Centro Africano para a Biodiversidade (ACB).

O relatório, titulado "[A expansão do sector comercial de sementes na África Subsaariana: Os maiores protagonistas, questões e tendências chave](#)", descreve como a indústria de sementes na ASS, longe de ser um bloco homogéneo é composta de várias camadas. Estas incluem as maiores empresas multinacionais: Monsanto, DuPont Pioneer, Syngenta e Vilmorin; um número de grandes empresas da Europa e da Ásia, muitas das quais se especializam em culturas hortícolas; e um grupo de companhias antigas nacionais de sementes da África Oriental e Austral, tais como a SeedCo do Zimbabwe, a Zamseed da Zâmbia, a companhia Tanzaniana Tansed e a Kenya Seed Company. Unindo-se a estes protagonistas estabelecidos há uma pletera de companhias de sementes Africanas emergentes, muitas das quais têm recebido apoio financeiro e técnico da Aliança para uma Revolução Verde na África (AGRA).

O milho e a horticultura são os dois maiores mercados de sementes no continente, avaliados em cerca de US\$ 500 milhões e US\$ 250 milhões respectivamente, e é aqui que se pode observar a maioria de actividades pelas empresas de sementes. Um foco excessivo no milho, especialmente no milho híbrido, tem implicações negativas para a diversidade agrícola e nutricional e para os custos de produção agrícola. Sementes híbridas têm de ser re-compradas de novo todos os anos e têm de ser usadas em conjunto com outros insumos químicos para se obter um rendimento óptimo. A disseminação do milho híbrido tem também sido integral para o ressurgimento recente de subsídios para insumos agrícolas através do continente. Estes subsídios têm desviado grandes quantias dos orçamentos agrícolas para favorecer mercados garantidos para as empresas multinacionais de sementes.

Apesar do seu tamanho relativamente pequeno (menos de 2% do total global em termos monetários) a indústria de sementes na ASS parece já a estar a seguir as mesmas tendências de expansão e consolidação empresarial que são visíveis a nível global. Desde 2012 a DuPont

Pioneer adquiriu a Pannar Seed da África do Sul, a Syngenta comprou a companhia de sementes Zambiana MRI e a Vilmorin (a maior empresa de sementes da Europa) aumentou para 30% o seu título de propriedade na companhia SeedCo do Zimbábue. Além disso, enquanto este acordo estava a ser concluído a SeedCo vendeu 49% dos seus interesses na Quton Cotton à Mahyco da Índia (que por sua vez, é 26% propriedade da Monsanto). Em Janeiro de 2015 a Monsanto mudou a sua sede Africana da África do Sul para o Quênia para estar mais próxima de mercados com potencial para crescimento na África Oriental.

Estas mesmas empresas também estão a expandir as suas operações no continente sob o auspício da Aliança Para Segurança Alimentar e Nutrição dos G8 e Crescer África (*Grow Africa*), duas plataformas para investimento que originaram no Fórum Económico Mundial. Por exemplo, a DuPont Pioneer está a trabalhar para aumentar a adopção do milho híbrido no Gana e na Etiópia, enquanto a Syngenta planeia aumentar a adopção de sementes de legumes certificadas na Etiópia, no Quênia e na Tanzânia.

A expansão regional é também parte da agenda de muitas companhias locais de sementes, tais como a SeedCo, a Tanseed, a East Africa Seed Company do Quênia e a NASECO do Uganda. A África Ocidental e a região dos Grandes Lagos de Burundi, Ruanda e a parte oriental da Republica Democrática do Congo são áreas de interesse particular para estas e para outras empresas. “A região dos Grandes Lagos tem sido em grande parte negligenciada pelas empresas multinacionais de sementes, que têm concentrado os seus esforços em países com mercados formais de sementes mais estabelecidos e a infra-estrutura associada. Contudo, este desinteresse não durará muito se as companhias locais se consolidarem nesta região”, disse o autor deste relatório, Gareth Jones.

De acordo com o relatório, a Aliança para uma Revolução Verde na África (AGRA) está a desempenhar um papel crítico neste impulso pelo sector privado, incluindo apoio directo a cerca de 80 companhias locais de sementes através do continente. Um pequeno número destas companhias é agora alvo de uma série de fundos de investimento agrícola que foram estabelecidos com capital de doadores e com capital privado filantrópico. Estes incluem o Fundo de Investimento Africano de Sementes, estabelecido com US\$ 12 milhões da AGRA e o Fundo de Investimento Injaro; e um fundo de investimento de US\$ 49 milhões com foco na África Ocidental, de grandes doadores tais como os governos do Reino Unido, da Holanda e da França e a Fundação Soros. Os montantes de investimento envolvidos são muito maiores do que os subsídios das empresas de sementes da AGRA, o que aponta para um estreitamento do foco para apoiar sementes de culturas comercialmente lucrativas. Também sugerem uma abordagem de economias de escala que resultará num número decrescente das

maiores companhias locais de sementes, um alvo provável para aquisição pelas gigantes globais de sementes.

Aproximadamente uma década após a AGRA ter sido estabelecida, a própria AGRA parece estar a passar por uma espécie de transição, com um foco muito mais específico em companhias privadas de sementes. “O papel da AGRA como parceiro de implementação dos US\$ 47 milhões da parceria para Transferência de Tecnologia e Dimensionar Sementes (SSTP) da Nova Aliança dos G8, e os seus planos de trabalhar mais directamente com a influente Associação Africana para Comércio de Sementes (AFSTA), sugerem que estamos a entrar uma conjuntura crítica na transição do sector Africano de sementes”, continuou Jones.

Uma grande quantidade de políticas novas e de mudanças jurídicas estão a apoiar esta onda corrente de expansão do sector privado, com as comunidades económicas regionais Africanas actuando como condutores importantes para este crescimento. “Se isto for visto assim, não é de admirar que a indústria de sementes esteja a instigar tão agressivamente a harmonização de direitos de propriedade intelectual (baseados na UPOV 1991) e da comercialização de sementes e de leis de sementes em África”, comentou a Directora Executiva do ACB. Mariam Mayet. “Companhias de sementes com os recursos para registar e depois comercializar sementes directamente ou sob licença através de fronteiras nacionais, ou por outras palavras, as gigantes globais de sementes, estão a tentar a conter este espaço para elas próprias e proibir o comércio de variedades dos agricultores adaptadas localmente. Todavia estas variedades continuam a fortalecer a grande maioria de sistemas de sementes e agrícolas da África e são recursos inestimáveis que têm de ser protegidos e fortalecidos em vez de serem criminalizados.”

No curso destas mudanças, dezenas de milhões de pequenos agricultores através de África encaram um futuro incerto. “Com um foco tão grande sobre o sector privado nas políticas governamentais, supõe-se que os pequenos agricultores assumam uma orientação comercial, mas imperativos comerciais são raramente compatíveis com as realidades práticas no dia-a-dia dos agricultores em África, e apenas uma pequena camada de agricultores beneficiarão disto”, declarou Elizabeth Mpofu, Coordenadora Geral da Via Campesina, uma rede internacional que representa mais de 200 milhões de pequenos agricultores. “O que acontecerá a milhões de pequenos agricultores para quem uma orientação comercial não será viável, nem em termos económicos ou ecológicos?”

Contudo, pequenos agricultores, organizações para seu apoio e outras organizações da sociedade civil (OSC) não estão a aceitar esta onda de comercialização sem protestar. “Há resistência através do continente a

partir da base até ao espaço de formulação política”, comentou Bernard Guri, Presidente da Aliança para Soberania Alimentar em África (AFSA), uma rede continental de organizações de agricultores, de organizações de apoio a agricultores e de OSC. “A AFSA tem estado vigorosamente a fazer *lobby* contra leis de sementes e direitos de propriedade intelectual harmonizados regionalmente estilo à UPOV em países Africanos, enquanto numerosas campanhas estão também a decorrer a nível nacional. O que é claramente necessário em África são sistemas de sementes diversificados para atender uma grande variedade de condições agro-ecológicas nas quais os agricultores estão intimamente envolvidos”.

FIM

Contactos:

Gareth Jones, ACB 011 486 2701 / 081 493 4323 / gareth@acbio.org.za

Mariam Mayet, ACB Mariam@acbio.org.za

Bernard Guri, AFSA guribern@gmail.com

Elizabeth Mpofu, Via Campesina elizabeth.mpofu@viacampesina.org